

## **O estudo da fotografia: historicidade e a linguagem imagética.<sup>1</sup>**

*Fernando Borges Neri Rosário<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo, juntamente com os teóricos clássicos da historiografia e autores que analisam este tema, discutir questões metodológicas que devem ser incorporadas às práticas do historiador pesquisador. A. Imagem fotográfica e sua linguagem são o foco das discussões realizadas, sendo de igual relevância quando comparadas a um documento escrito, seja um registro de poucos dias ou de muitos anos. Escritores como Marc Block, Boris Kossoy, José Carlos Reis e Miriam Moreira Leite, ícones da fotografia e teoria, serão utilizados para o melhor entendimento em relação às abordagens empregadas às fontes históricas, mantendo o indivíduo como o foco principal da historiografia e da fotografia. Serão destacados elementos e métodos que permitem uma expansão de conhecimento a serem aproveitadas nas áreas afins.

**Palavras-chave:** Historiografia; Imagem; Metodologias; Pesquisa.

---

<sup>1</sup> Pesquisa elaborada com apoio financeiro a título de bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

<sup>2</sup> Mestrando no programa de Pós-graduação em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia - Uneb - Campus V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3730798457833726> E-mail: [fernandoborgesn@hotmail.com](mailto:fernandoborgesn@hotmail.com).

## **The study of photography: historicity and the image language.**

**Abstract:** This article aims, together with classical historiography theorists and authors who analyze this theme, to discuss methodological issues that should be incorporated into the practices of the research historian. A. The photographic image and its language are the focus of the discussions held, being of equal relevance when compared to a written document, whether it is a record of a few days or many years. Writers such as Marc Block, Boris Kossoy, José Carlos Reis, and Miriam Moreira Leite, icons of photography and theory, will be used for a better understanding of the approaches employed to historical sources, keeping the individual as the main focus of historiography and photography. Elements and methods that allow for an expansion of knowledge to be utilized in related fields will be highlighted.

**Keywords:** Historiography; Image; Methodologies; Research.

## Introdução

A fotografia, enquanto documento histórico, possui características que a diferenciam de outras fontes documentais. A sua materialidade – o suporte físico, a técnica de revelação e, posteriormente, a digitalização – registra não apenas os aspectos visíveis, mas também aspectos contextuais inerentes ao período em que a imagem foi produzida. Tal condição configura o registro fotográfico como uma evidência palpável da temporalidade, permitindo ao historiador reconstruir a dinâmica social e cultural do passado.

Ao longo do tempo, o desenvolvimento técnico e a democratização do acesso às câmeras fotográficas permitiram uma diversidade de registros que variam desde os retratos oficiais, utilizados para fins políticos e propagandísticos, até as imagens obtidas por observadores e artistas, que buscaram documentar a vida cotidiana e os conflitos sociais. Essa evolução técnica confere à fotografia o papel de mediadora entre o tempo histórico e a construção da memória, fazendo do registro fotográfico um documento histórico imprescindível para a análise das transformações sociais.

O período de existência da fotografia pode ser comparado a uma grande montanha-russa, que por mãos de pesquisadores, estudiosos e entusiastas ganha variados significados em si, e no que tange à construção histórica social. A relutante concepção desta ferramenta como importante meio linguístico provocou o surgimento de preconceitos e ocasionou retardos no exercício da interpretação histórica e social, independente do contexto, objeto e necessidade de respostas para completar o quebra-cabeça ou elucidar a mensagem codificada do tempo.

O marco que o surgimento da fotografia instaura abrange vários meios sociais e acaba por determinar o seu lugar e o de muitos outros elementos, como a exemplo das pinturas que antes eram os meios oficiais de retratar o cotidiano,

peças, animais, paisagens, com margens adicionais ao imaginário. Mesmo com essa posição, a fotografia na área das artes não deixa de ser entendida como documento e elemento artístico, o que de certa forma foi uma batalha de ideologias sem precedentes.

A fotografia fala muitas vezes como voz única, quando não há outras fontes para o diálogo histórico que irá contar sobre algo. Mas não é sempre assim, antes do surgimento da fotografia, só os documentos escritos tinham o respaldo para uma reconstrução pontual do passado. Podemos dizer que a viseira do classicismo impedia os pesquisadores extremistas de enxergar a viela paralela à rua que por muito tempo era utilizada como via de acesso único.

Neste sentido, este artigo visa abordar a importância de revisão das metodologias e maior atenção à linguagem imagética que observamos e não conseguimos decodificar. A fotografia é uma fonte histórica que demanda, por parte do historiador, um novo tipo de crítica, na qual o testemunho é válido<sup>1</sup>. Portanto, a fotografia, dentro do sentido de pesquisa, esta para complementar e falar igualmente como os documentos escritos.

A chave para a necessidade deste entendimento está em conceber esta ferramenta imagética como um livro que é lido e assimilado. Por isso julgamos este tipo de abordagem como necessária para a historiografia de modo geral. Ao mesmo tempo que o elemento imagético pode colaborar como objeto, também pode somar como uma ferramenta que não é o centro.

A abordagem sensitiva é uma das maneiras de utilizar a imagem como instrumento documental. Não é preciso imaginar como realizar essa leitura, mas sim como interpretar as percepções de quem as lê. A fotografia está diretamente associada à memória de quem a realizou, dividiu o tempo durante o ato de registrar e depois testemunha o tempo passado através da imagem.

## Historicidade e metodologia

Sem dúvida, a fotografia deve ser considerada uma ferramenta crucial no processo de estudos, pesquisas e um componente essencial, quando presente, no sistema de conservação de memórias e rearranjo de eventos, que, de alguma maneira, hoje desperta meu interesse e de quem mais se conecte com o debate em pauta. Em assuntos relacionados à fotografia, ainda é habitual direcionar a atenção para temas como memória, acervos, coletividade, seleção de espaço e eventos.

A proposta de abordar metodologia como o primeiro ponto, se justifica quando entendemos que este é um dos aspectos mais importantes no trato da fonte como vestígio do passado que será posto em diálogo com outros elementos, tanto textuais como objetos. Tomando a significação imagética, a realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações.<sup>ii</sup>

Existe um cuidado a ser tomado de não estreitamento do campo visual, no que tange ao aprofundamento teórico e metodológico, a fim de melhor compreender a fotografia ou conjunto de imagens como documento a ser lido de ponta cabeça, se possível. Tomando por fundamentação inicial a obra *Apologia da história*, de Marc Bloch, relembramos uma importante afirmativa: o homem é o principal objeto de pesquisa historiográfica, e não datas, locais ou fontes escritas<sup>iii</sup>.

Por tanto, se a fotografia diz respeito a um indivíduo ou pertence a um meio social, se documentos escritos e objetos já foram meio de uso e contam sobre pessoas, estes são fragmentos elegíveis para a historiografia, isto porque a história tem como centralidade as ações do homem, como diz Bloch. A experiência de escrever sobre sua própria espécie traz a ligeira sensação de discorrer sobre uma

parte de si que esta e age involuntariamente na construção histórica em um lugar que não é o de quem pesquisa ou interpreta.

A partir deste ponto, estabeleceremos conexões entre os teóricos e escritores, e nosso objeto de estudo, a imagem fotográfica. Então, o primeiro desafio é compreender o que esta obra apresenta, os códigos presentes em cada ação humana, considerando que ele é o personagem principal. A interpretação de uma fotografia, assim como de outras fontes, requer a extração do que frequentemente não é tão evidente aos olhos; é o que denominamos como as entrelinhas da história.

Nesta obra, o texto introdutório começa com o pedido de um menino: *Papai, me explique para que serve a história!* Nos levando a questionar, qual é a função da fotografia? O que pode parecer um conjunto de imagens ou simples ilustrações é, na realidade, a condensação de períodos históricos que serão posteriormente reinterpretados sob várias perspectivas. Isso indica que a fotografia, como objeto de estudo, pode ser empregada sem medo, conduzindo o investigador a um universo interpretativo sem fim.

O papel do homem como elemento central da história, crucial para Bloch, ressalta de maneira bastante clara o que é essencial no estudo da fotografia: a atuação humana no tempo, em um recorte específico da imagem, que pode revelar curiosidades ou elementos indispensáveis na investigação científica. É importante enfatizar a função da historiografia ou da pesquisa científica; não se trata de descobrir invenções, mas sim estabelecer uma conexão profunda entre elas, incitando diálogos, e identificando as lacunas entre elas, com o objetivo de uma reconstrução factual.

*A utilização de fotografias pelos historiadores é uma prática muito recente e, por conseguinte, restrita. Chega-se a inferir que estes não gostam de imagens, pois preferem deter-se nas fontes escritas. Entretanto, não significa reduzir o valor do*

*documento escrito, mas consideram-se as possibilidades de conhecimento de outras dimensões da vivência dos atores sociais por intermédio das fotografias.<sup>iv</sup>*

Assim, ao desenvolver conceitos e estudos que têm a fotografia como principal referência, é necessário compreender primeiramente que as fontes visuais comunicam tanto quanto um elemento escrito, exigindo um esforço maior para a leitura e entendimento desses códigos não escritos. Usando uma metáfora, poderíamos comparar a imagem a uma caixa de Pandora que, num primeiro momento, não compreendemos o que será formado em termos de conceitos e análises, mas a resposta apropriada não se mostra longe.

Atualmente, graças ao progresso científico, não há obstáculos que impeçam o pensamento crítico, a incerteza ou a limitação a uma fonte histórica. Existe uma necessidade cada vez mais evidente no presente de questionar e confrontar a fonte, neste caso a fotografia. Isso ocorre devido ao contínuo avanço da arte ou tecnologia conhecida como Inteligência Artificial. As novas possibilidades digitais de manipulação da imagem – no sentido de manuseio, mas que também resultam em adulteração – inauguram um momento determinante para a história das imagens, bem como para sua teoria<sup>v</sup>.

Esta suposta manipulação imagética apresentada por Felipe Muanis não insere o elemento manipulado no contexto ficcional, já que a imagem sintética se baseia no real, em algo que existe ou já existiu. Se no passado as fotografias eram analisadas por suas provas lógicas, acredito que a Inteligência Artificial, de maneira indireta, juntamente com a mudança de olhar da ciência, indica a necessidade de explorar outra metodologia, conhecida como sentido.

Possivelmente, o desafio de lidar com uma linguagem não verbalizada ou alfabética, cause em alguns pesquisadores a insegurança de utilizar a fotografia como o elemento principal da história. Apesar dessa realidade, existem métodos

mais específicos para debater e trabalhar com fotografia, porém precisam ser exploradas como se fossem um novo dialeto. A fotografia precisa ser decodificada e sua origem questionada a partir de seu conteúdo, pois nela reside o fato e a exatidão das perguntas.

É fundamental no processo de análise conceber a fotografia como resultado de um processo de construção de sentido. Assim formada, ela nos revela, por meio do estudo da produção da imagem, uma pista para se chegar ao que não está aparente ao primeiro olhar, mas que concede sentido social à foto<sup>vi</sup>. Sob esta ótica, convém dizer que percepção e interpretação são faces de um mesmo processo: o da educação do olhar<sup>vii</sup>. A prática é a única ação capaz de proporcionar ao leitor a perspicácia de leitura, e eu diria até que essa é uma das técnicas ou metodologias de análise mais crucial.

Em paralelo a essa consciência técnica, Ana Maria Mauad sugere outras estratégias para otimizar o tempo e organizar os estudos. Seria útil classificar as imagens, reconhecendo os elementos técnicos e físicos dos objetos e coisas que compõem a representação visual. Com esses detalhamentos técnicos, o estudo se torna mais exato, tanto em relação ao objeto em estudo quanto às descobertas sociais.

### **Fotografia e tempo histórico**

Todo estudo científico, de alguma maneira, faz menção ao tempo, seja no instante do evento, no período de estudo específico, em imagens fotográficas ou documentos escritos. Kossoy por exemplo, ao se referir a um documento fotográfico, afirma que ele foi interpretado no passado antes mesmo da própria tomada do registro<sup>viii</sup>. Conforme as fotografias ecoam a sensação de programação entre os elementos, podemos inferir que o fotógrafo agiu no momento preciso da mensagem que ele pretendia eternizar.

Entender a relação entre fotografia e tempo implica compreender que a correlação entre fragmentação e congelamento é crucial para uma compreensão mais aprofundada da linguagem visual. São os dois elementos fundamentais para a descrição do espaço e a determinação do tempo através de diversas simbologias, tais como vestimentas, tipo de mobiliário, ação do tempo, manifestação da luz e outros elementos capazes de definir tempo e espaço.

*O tempo é tão necessário ao historiador que ele o naturalizou e instrumentalizou. Ele é o impensado não porque é impensável, mas porque não é pensado. O historiador não separa a reflexão teórica sobre o tempo da pesquisa concreta das experiências humanas: sua teoria é prática, sua noção do tempo permanece implícita à sua reconstrução do vivido. Todo trabalho de história é uma organização temporal: recortes, ritmos, periodizações, interrupções, sequências, surpresas, imbricações, entrelaçamentos.<sup>ix</sup>*

No trabalho do historiador pesquisador, é crucial o manejo do tempo, a negação deste componente prejudica qualquer tipo de utilização de documentos de natureza científica e, simultaneamente, mutila parte do que está sendo investigado ou até mesmo experimentado. Portanto, o historiador, o tempo e as fotografias formam uma cadeia de três elementos que apoiam qualquer experiência, seja ela acadêmica ou não. José Carlos Reis apresenta essa pontuação para evitar que o pesquisador caia no conhecido anacronismo histórico, que pode causar um prejuízo incalculável em uma pesquisa.

Fazer tais afirmações também implica dizer que a pesquisa científica não se baseia em uma fórmula, apesar de existirem orientações metodológicas. No entanto, cada ação de pesquisa é única, exigindo que seja tratada de forma única, seja uma fotografia ou um documento escrito. O historiador precisa estar receptivo à sensibilidade e à observação, pois cada elemento ou ferramenta de pesquisa carrega diferentes mensagens que serão incorporadas numa conversação ampla.

Em uma perspectiva alternativa acerca das imagens fotográficas, Miriam Moreira Leite, ao discutir a interpretação da fotografia histórica, distingue duas perspectivas historiográficas: na primeira, ela acredita que o documento fala e que a fotografia transmite informações de maneira clara e direta; por outro lado, ela vê as imagens fotográficas como representações que esperam um leitor para serem decodificadas. Mirian utiliza uma linguagem carregada de figuração ao afirmar que as imagens fotográficas aguardam um leitor para serem decifradas<sup>x</sup>.

Essa expressão denota as várias possibilidades de leituras e interpretações que este documento histórico está sujeito a receber; a questão é: como reconhecer a interpretação correta, se é que existe? Mas é seguro afirmar que não existe a interpretação correta; é subjetiva em certo ponto, e sim, a mais coerente, porque deve-se levar em consideração a metodologia e as ferramentas que foram usadas para deixar claro o contexto historiográfico de determinada fotografia.

Boris Kossoy é um dos referenciais em estudos de fotografia no Brasil, e ele destaca alguns elementos básicos para uma pesquisa dirigida. Na verdade, trata-se de um estudo sistemático da fotografia, da importância de conhecer os artefatos representativos dos diferentes períodos, da tecnologia utilizada, do tipo de representação vigente em um certo período histórico, das circunstâncias ligadas ao processo que originou a imagem, como também do seu uso enquanto testemunho visual.

Refletir sobre a imagem como um fragmento do tempo nos conduz à memória registrada. A revisitação desta lembrança desperta o sentido do espectador que não esteve presente tanto atrás quanto na frente da câmera, e desse encontro temporal, que lições podemos extrair? Esta é uma das sentenças que o pesquisador precisa decifrar, pois já não é o acontecimento que determina a leitura realizada, mas sim o estímulo que ativa a memória ou o imaginário.

Neste caso, acontece o que Jacques Rancière chama de partilha do sensível. Denomino a partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas<sup>xi</sup>. A troca no sensível em vista do científico é quase que um milagre considerado pela historiografia porque não se prende às termologias técnicas e ao que apenas os olhos veem, pois considera que a história também é feita de sentidos.

O saber como, por que e para que algumas imagens foram construídas pode alterar todo o seu sentido. Da mesma forma que, ao descobrir sua autoria, pode-se desvendar a visão de mundo do autor ou da agência produtora, permitindo uma leitura crítica<sup>xii</sup>. Não se deve desconsiderar a relevância do contexto da fonte, pois tais informações podem direcionar a pesquisa ou o conceito obtido para um caminho completamente distinto, além de se esperar encontrar respostas claras e precisas ao que se busca.

Quando a mente ou o imaginário estão limitados, são impedidos de perceber o que realmente é relevante, pelo menos no que diz respeito à linguagem imagética, não listando o que realmente é relevante. Por essas razões, o historiador aprende desde o começo de sua formação a conceber o macro para compreender o micro e seu objeto.

### **Considerações**

Em suma, a fotografia emerge como um elemento poderoso e multifacetado dentro do campo da historiografia, desafiando concepções tradicionais ao mesmo tempo que oferece novas metodologias para a interpretação do passado. Este artigo ressalta a importância de tratar a imagem fotográfica não apenas como um documento, mas como um testemunho vital que dialoga com o contexto social e temporal em que foi produzida.

Ter a fotografia como elemento de reconstrução da história pode ser crucial para o trabalho do pesquisador que tem em seu domínio as metodologias estratégicas para, além de reconhecer os aspectos nela contidos, decodificá-la através do sentido dentro de uma perspectiva social. Esta construção coletiva, quando revisitada, fala muito sobre diversos aspectos a partir dos fragmentos da memória, por isso, o sensitivo ainda pode ser o caminho de mais possibilidades dentro da análise imagética.

A crítica à relutância dos historiadores mais conservadores em integrar fontes visuais em suas investigações é um convite à reflexão: somente ao abraçar a complexidade da linguagem imagética poderemos enriquecer nossa compreensão da história. Assim, ao visitar a história por meio da fotografia, somos encorajados a desenvolver uma sensibilidade crítica que transcende o óbvio, mergulhando nas nuances das experiências humanas e na memória coletiva.

O tempo que foi perdido durante a resistência de aceitação da imagem fotográfica dentro da construção e levantamentos históricos deve ser tomado como atestado de que não há como selecionar ou simplesmente excluir o que deve ou não ser analisado dentro do campo das fontes. Se existe determinado elemento com traços de um pertencimento social, como acontece com a fotografia, então este é elegível para o trabalho científico.

O tratamento minucioso, a análise do fragmento como componente de um contexto social, a interpretação e a conexão da fotografia com outras fontes são etapas fundamentais e, simultaneamente, imprescindíveis na pesquisa imagética. No começo deste texto, apresentamos a metodologia baseada em imagens como foco principal de debate, retirando-a do isolamento artístico e atestando sua relevância para a historiografia.

A continuidade do debate sobre a relevância da imagem fotográfica na pesquisa histórica é crucial, pois revela que cada foto é um fragmento de uma narrativa muito mais ampla, merecendo ser lida sob uma nova lente de interpretação. Ao final, a fotografia nos ensina que a história é uma construção conjunta, onde cada olhar tem o poder de transformar e ressignificar o que presume ser uma verdade, revelando a beleza da complexidade do passado e sua eterna relação com o presente.

Coube aqui refletir e abordar sobre a linguagem imagética, bem como algumas de tantas metodologias possíveis que a historiografia apresenta para o trato dessa fonte. Certamente, o conteúdo deste artigo será útil para estudos iniciais sobre a fotografia como documento e o significado que cada imagem transmite, tanto do contexto social quanto da interpretação que o interlocutor faz, com base no tempo e no imaginário.

## Notas

<sup>i</sup> MAUD, Ana Maria. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

<sup>ii</sup> KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 38.

<sup>iii</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>iv</sup> CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, 2005, p. 25.

<sup>v</sup> MUANIS, Felipe. Imagens, Inteligência Artificial e a incontornabilidade da Metacrítica. **Rumores**. n. 33. v. 17. jan. – jun. 2023. p. 37.

<sup>vi</sup> MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v. 13. n. 1. p. 133-174. jan. – jun. 2005, p. 144.

<sup>vii</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>viii</sup> KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 5. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. p. 122.

<sup>ix</sup> REIS, José Carlos; **Teoria & História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 25.

<sup>x</sup> LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: Leitura da fotografia histórica.** São Paulo: EDUSP, 1993.

<sup>xi</sup> RANCIÈRE, Jaques. **A partilha do sensível: estética e política.** São Paulo: EXO experimental org; Ed. 34, 2005. p. 15.

<sup>xii</sup> SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **Historiae**, Rio Grande, n. 1, v. 2, p. 113-120, 2010. p. 120.

## Referências

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero-Americanos.** PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** 5. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: Leitura da fotografia histórica.** São Paulo: EDUSP, 1993.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista.** São Paulo. v. 13. n. 1. p. 133-174. jan. – jun. 2005.

MAUD, Ana Maria. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

MUANIS, Felipe. Imagens, Inteligência Artificial e a incontornabilidade da Metacrítica. **Rumores.** n. 33. v. 17. jan. – jun. 2023.

RANCIÈRE, Jaques. *A partilha do sensível: estética e política.* São Paulo: EXO experimental org; Ed. 34, 2005.

REIS, José Carlos. **Teoria & História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

---

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **Historiae**, Rio Grande, n. 1, v. 2, p. 113-120, 2010.

Recebido: 22/01/2025

Aprovado: 10/03/2025

Publicado: 31/03/2025